
Convergência Midiática: a nova estratégia de luta popular das Rádios Comunitárias¹

Maria Salett TAUKE SANTOS²

Taís PARANHOS³

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

RESUMO

Este artigo analisa a situação das rádios comunitárias no momento atual no Brasil, demonstrando os desafios que essas emissoras enfrentam para realizar o seu trabalho, tanto nos aspectos de atender às exigências da legislação brasileira, quanto no ponto de vista da formação dos seus profissionais para atuarem no cenário de fazer rádio em situação de convergência de mídias. A partir de um estudo de caso na Rádio Alternativa FM, de Nazaré da Mata – PE, utilizando aportes da história das Rádios Comunitárias em autores como Terrero (1988), Tauke Santos (1994), Paranhos (2000) e Beltramin (2012); Teoria da Convergência Midiática, em Jenkins (2016) e Malerba (2018), além de entrevistas com comunicadores da Alternativa FM. O estudo demonstrou que a convergência de mídias constitui uma nova estratégia de resiliência das rádios comunitárias.

Palavras-Chave: rádio comunitária; convergência midiática; história do rádio

INTRODUÇÃO

Ao apagar as luzes do governo Michel Temer (2016-2018), o então ministro das telecomunicações, Gilberto Kassab, assinou a extinção da concessão de 130 rádios comunitárias pelo Brasil, com a justificativa de que as emissoras estavam descumprindo condições para terem a renovação ou manutenção de suas outorgas (BLOG DO ESMAEL, 2019). A maior parte dessas emissoras estava sediada na Bahia (REDE BRASIL ATUAL, 2019). A Associação Brasileira de Rádios Comunitárias lançou uma nota de repúdio ao referido ato (ABRAÇO BRASIL, Facebook Oficial, 2019) e desde então, vem desenvolvendo estratégias de enfrentamento como a pressão junto ao Congresso Nacional e, principalmente, o uso das convergências midiáticas como alternativas de transmissão de mensagens. Dessa forma, a radiodifusão comunitária passa por um contexto de se reinventar, como afirma Malerba: “Com a digitalização e a

¹ Texto apresentado ao GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local no XIX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Professora titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Doutora em Ciências da Comunicação (ECA – USP)

³ Jornalista, Mestra em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (UFRPE)

irreversível tendência de hibridação e convergência midiática, aquele que é considerado o primeiro meio eletrônico de comunicação verdadeiramente massivo passa hoje por mais um processo de reinvenção” (MALERBA, 2016, p.474). Trata-se, portanto, do estágio atual de uma luta que se trava desde os primórdios das rádios comunitárias, voltadas aos movimentos emancipatórios populares.

As primeiras iniciativas de radiodifusão comunitária ocorreram na América Latina, capitaneadas pela Igreja Católica (TERRERO, 1988 p.37 *apud* TAUKE SANTOS, 2002, p. 83), em vários países, como observamos a seguir:

- Projeto Santa Cecília - Guadalajara, México, 1969. Tinha o objetivo de conscientizar politicamente famílias camponesas que migravam para os centros urbanos, através de iniciativas como leitura da Bíblia, projetos de alfabetização, de criação de cooperativas, de serviços de saúde e de lutas reivindicatórias;
- Centro de Comunicação Popular de Vila El Salvador - Lima, Peru, 1974. Visava o fortalecimento cultural e a consciência crítica da comunidade, através de formas peculiares de organização, onde todos se tornariam educadores e comunicadores;
- Rádio Enriquillo - República Dominicana, 1975. Tinha como principal objetivo a formação de classes populares rurais para que as mesmas se tornassem protagonistas da mudança. Audiodebates e radioteatros foram produzidos pelos camponeses para que fossem exibidos na emissora.
- Serpal - Serviço Radiofônico para a América Latina - A abrangência foi para toda a região, através do trabalho educativo e evangelizador. Programas de rádio foram produzidos para que se conscientizassem as famílias, tanto dos problemas específicos de seus países, quanto dos problemas gerais relativos a toda a América Latina.
- Cassete-Forum - Uruguai e Venezuela - 1977. Nos dois países, as iniciativas foram ligadas à Cooperativa Agrária Limitada da Sociedade de Fomento Rural, com a exibição das fitas cassete nas comunidades, com posterior debate. As conclusões eram gravadas no outro lado da fita, com dúvidas, questionamentos, perguntas. As reuniões eram uma formação de interlocutores.

Essas iniciativas, em grande parte capitaneadas pela Igreja Católica, ao mesmo tempo em que incitavam os trabalhadores à contestação aos poderes políticos vigentes, promoviam a evangelização e garantiam o poder religioso (LUZ, 2011). Isso não foi

diferente no Brasil a partir dos anos 1960. Até então, a radiodifusão comunitária tinha um caráter mais institucional e educativo.

No Brasil, a radiodifusão comunitária no início tinha um caráter marcadamente educativo e instrucional. A partir dos anos 1960, assume um caráter mais político. Nesse sentido, as primeiras mobilizações vieram do Movimento de Educação de Base (MEB), criado em 1960 por D. Eugênio Salles. Os trabalhos eram voltados à educação popular, especialmente à alfabetização de camponeses nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil (PARANHOS, 2000 e BELTRAMIN, 2012). O movimento objetivava o desenvolvimento de uma consciência crítica dos trabalhadores do campo através de radioescolas, utilizando o método Paulo Freire de alfabetização (TAUK SANTOS, 2002). Por contar com a chancela da Igreja Católica, foi o único movimento de educação popular que sobreviveu ao golpe militar de 1964 (Fórum EJA, 2015), apesar de ter suas atividades interrompidas com o endurecimento do regime, em 1968.

Contando hoje com, cerca de 4 mil emissoras comunitárias outorgadas, de acordo com o site Tudo Rádio (2019), o panorama atual mostra que o rádio ostenta ainda um grande potencial para os movimentos emancipatórios, potencializados pelas convergências de mídia, especialmente as redes sociais. Nesse cenário, o receptor assume um papel ativo na produção de conteúdos, seja através de texto e imagens, considerando que as rádios comunitárias, a exemplo das comerciais, mantêm páginas na *web*, variando de um simples *blog* a um portal completo.

Nesse sentido, o vigor do rádio vem sendo ampliado pela convergência de mídias, mostrando que, na era da internet, o veículo não perdeu espaço. Pelo contrário, se reinventou mais uma vez. O rádio hoje pode ser visto. As imagens dos estúdios também podem ser transmitidas ao vivo pela internet e as entrevistas podem ser gravadas e disponibilizadas em canais como o *YouTube*. Tudo ao alcance das mãos através de *smartphones* e *tablets*.

Cada vez mais o *smartphone* vem substituindo o antigo radinho de pilha. Nesse cenário, o Brasil vem se consolidando como o país emergente líder no consumo de telefonia móvel, com 60% dos adultos possuindo um aparelho (ESTADO DE MINAS, 2019). Tal crescimento coloca desafios sem precedentes para as emissoras comunitárias, se levarmos em consideração os recursos limitados de equipamentos, bem como a falta de um domínio básico de tecnologia digital por parte dos seus comunicadores

(PARANHOS, 2017). Competência requerida hoje para operação do rádio em múltiplas plataformas.

A convergência de mídias, para Henry Jenkins (2008), constitui um catalisador de transformações tecnológicas, socioculturais e de mercado, como assinala o autor:

Refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de Comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2008, p. 29)

Dessa forma, as rádios estão se empoderando cada vez mais, através da tecnologia, incentivadas pelas entidades de classe como a Associação Brasileira de Rádios Comunitárias em Pernambuco (ABRAÇO - PE). Nesse sentido, o presidente da Associação pernambucana, John Bigu ressalta a luta junto ao Congresso Nacional e ao Ministério da Ciência e Tecnologia, que incorpora hoje o antigo Ministério das Comunicações:

Buscamos que as rádios estejam na internet, que haja o *streaming*⁴. A maioria das rádios hoje em dia já transmite também em vídeo, barateando custos, para que todos possam colocar suas transmissões no Facebook, nas *lives* e dessa forma, as rádios estão mais envolvidas com isso⁵.

No print abaixo, a página da ABRAÇO PE, na internet, mostrando como a entidade trabalha em várias plataformas digitais, de áudio, texto e foto:



⁴ Transmissões ao vivo pelas redes sociais Facebook, Instagram e Twitter

⁵ John Bigu, presidente da Abraço – PE, em entrevista para este artigo.

Em Pernambuco, a primeira emissora comunitária foi a Rádio Sabiá, no bairro da Guabiraba, no final dos anos 1980, e no início da década seguinte, a ONG Etapas, formou uma cadeia de emissoras para a produção de programas educativos e comunitários (PARANHOS, 2000). Hoje no estado, são registradas cerca de 400 emissoras, 210 delas outorgadas pelo Governo Federal.

Na década de 1990, entidades representativas nacionais de rádios comunitárias, a exemplo da ABRAÇO, começaram a lutar por uma legislação específica, para que a radiodifusão comunitária não fosse tratada como ilegal. Nesse sentido, foi aprovada a Lei 9.612/98, considerada como restritiva até hoje pelas emissoras comunitárias, por limitar demasiado o alcance das transmissões e restringir a permissão de canais de transmissão:

A lei 9.612, publicada no Diário Oficial da União em 19/02/98, que rege o serviço de radiodifusão comunitária no Brasil, é o principal foco de reclamação do movimento, que a considera restritiva, na medida em que delimita o espaço físico de transmissão de tais emissoras em 1 km, por se inspirar numa concepção geográfica de comunidade. Os representantes destas emissoras reclamam da legislação que regulamenta o serviço de radiodifusão comunitária, pelas limitações e restrições quanto à permissão de canais de transmissão, funcionamento e alcance. Eles reivindicam outro tipo de tratamento para as rádios comunitárias, argumentando que não são piratas, na medida em que não visam o lucro financeiro, mas a divulgação de temas de interesse da comunidade, assim como dar espaço à população marginalizada pelos veículos comerciais. (BAHIA, 2006).

De acordo com a legislação vigente, as rádios comunitárias (RadCom) são um tipo especial de emissora de rádio FM, de alcance limitado a, no máximo, 1 km a partir de sua antena transmissora, com potência de transmissão irradiada máxima de 25 watts. O objetivo desse tipo de emissora é proporcionar, sem fins lucrativos, informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades (BRASIL, 1998).

O que diferencia uma rádio comunitária de uma rádio convencional, segundo Girardi e Jacobus (2009), é o fato de que qualquer pessoa pode produzir conteúdo. Além disso, os assuntos são mais a cara do bairro, do povoado, da vila. Dessa forma, as emissoras mobilizam o povo para buscar melhorias na qualidade de vida, exigindo direitos e tendo espaço para suas manifestações e reivindicações.

Malerba (2018) afirma que apenas a radiodifusão amparada pela legislação específica não dá conta dos desafios enfrentados pelas rádios comunitárias em seu

cotidiano. O desafio histórico de enfrentar as campanhas promovidas pelas rádios comerciais contra o trabalho das comunitárias, acusando-as de “rádios piratas” e o desafio contemporâneo de adaptar-se às transformações tecnológicas de produzir rádio operando em múltiplas plataformas. Condição que pode garantir a sobrevivência das rádios comunitárias através das redes sociais e das transmissões em *streaming* de vídeo.

Dentro dessa estratégia de sobrevivência, a Rádio Alternativa FM, de Nazaré da Mata, é uma das emissoras que trabalham com a convergência de mídias de forma a ampliar a mensagem aos seus principais públicos-alvo: mulheres e jovens. Blog, Redes sociais, transmissões ao vivo, tudo é utilizado para a difusão das informações naquele município.

RÁDIO COMUNITÁRIA ALTERNATIVA FM

A Rádio Alternativa FM, com 16 anos de atuação, é um dos vários projetos desenvolvidos pela Associação de Mulheres de Nazaré da Mata (Amunam), em Pernambuco, e tem uma programação voltada para as camadas populares do município. O surgimento da Alternativa FM veio de uma necessidade de denunciar os casos de violência contra a mulher, violência doméstica e até homicídios. Em um primeiro momento, a Amunam produzia o programa *Espaço Mulher*, na Rádio Planalto de Carpina, município vizinho a Nazaré da Mata. Com a transferência da rádio para o Recife, o programa acabou saindo do ar. Foi quando surgiu a ideia de buscar uma concessão de rádio comunitária. Foram anos de luta junto ao Ministério das Comunicações e até mesmo dois lacres da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), até a inauguração da Alternativa FM, no dia 08 de março de 2003 (PARANHOS, 2017, p.37).

Hoje, a Rádio Comunitária Alternativa FM contribui para a formação não apenas técnica e profissional dos jovens provenientes de contextos populares, mas principalmente voltada à cidadania. Nessa perspectiva, o principal objetivo é voltado ao empoderamento desses jovens, demonstrado em suas posições diante de assuntos, como política, financiamentos, mobilização popular, educação e compromisso com a comunidade. Além disso, a Amunam está à frente de projetos no campo de gênero e juventude (PARANHOS, 2017), como o *Exercitando a Cidadania*, voltada à luta pelos direitos da mulher; e o *Dando a Volta por Cima*, que atende crianças e adolescentes em

situação de vulnerabilidade socioeconômica. No que se refere à Comunicação Popular, a ONG desenvolve um projeto que usa o rádio em situação de convergência com outras mídias digitais.

Na rádio, atuam jovens de ambos os sexos. Além da transmissão de programas de conteúdo comunitário, a emissora volta-se à formação de jovens comunicadores para atuarem no rádio e nas redes sociais, com a proposta de contribuir para a construção do capital humano desses jovens, conforme missão expressa no *blog* da emissora:

A Rádio Comunitária Alternativa FM 98.5 ZYW 584 foi fundada em março de 2003. Coordenada pela AMUNAM, transmite, de segunda-feira a domingo, programas sociais, musicais, de entretenimento e informativos produzidos e apresentados pela equipe formada por jovens e profissionais comunicadores sociais.
(ALTERNATIVA FM, 2014).

A união entre cidadania e os meios de comunicação acaba por resultar em maior interatividade do jovem e as mídias, algo já preconizado por Jenkins (2009), ao afirmar que “enquanto que os antigos consumidores eram tidos como passivos, previsíveis, individuais, silenciosos e invisíveis, os novos consumidores são ativos, migratórios, conectados socialmente, barulhentos e públicos”. Ele ainda afirma que a convergência de mídias não é determinada apenas pelas novas tecnologias de informação e comunicação, mas principalmente pelos cérebros dos consumidores, com as construções a partir de fragmentos de informações do que temos/somos enquanto vida cotidiana.

Nessa perspectiva, a Rádio Alternativa FM tem se empenhado em formar comunicadores de rádio, com competências para atuar na produção radiofônica e ao mesmo tempo, nas redes sociais, produzindo notícias para plataformas digitais como o *Twitter*, o *Facebook*, o *Youtube* e o *Blogspot*.

RÁDIO COMUNITÁRIA NA CONVERGÊNCIA DE MÍDIAS

O trabalho desenvolvido pelos jovens na Rádio Alternativa FM, aliando programação radiofônica com atuação nas redes sociais fez com que a convergência de mídias fosse levada a sério, ao ponto de ter uma profissional especializada para lidar com as notícias nas redes sociais, o Blog, a página do Facebook e o perfil no Twitter:

Hoje sou a pessoa responsável pelo gerenciamento de mídias sociais, do conteúdo postado no blog, e repostado no Face e no Twitter. Todos os dias nós temos um acesso mínimo de 400 pessoas por dia, não só daqui da região, mas também de outros países. (Entrevistada 2).

Há uma unanimidade entre os jovens quando se pergunta se as redes sociais facilitaram o trabalho deles na rádio. Todos, especialmente os comunicadores mais veteranos, afirmam que a internet e as redes sociais auxiliam nas pautas, nas pesquisas e na apuração de informações:

O rádio sempre foi considerado um veículo rápido, no entanto, a internet potencializou ainda mais essa rapidez, diminuindo a distância entre a gente e as informações. Isso acabou facilitando muito nosso trabalho (Entrevistado 1).

Todos os jovens radialistas foram treinados para interagir com as mídias sociais, ao mesmo tempo em que a rádio está no ar. Assim, estão sempre com o Facebook aberto, o Whatsapp *on line* e atendendo à audiência. Inclusive áudios mandados pelo Whatsapp entram no ar em quadros de prestação de serviços. Outro aspecto relevante é que, embora exista a instantaneidade das comunicações em rede, a ligação locutor-ouvinte ainda é possível no rádio em tempo real, pois a ligação afetiva que é peculiar ao veículo aumenta a responsabilidade dos jovens comunicadores:

No rádio existe a responsabilidade do microfone, não há espaços para perfis falsos, como na internet. O que é dito no estúdio acaba repercutindo de imediato na vida das pessoas aqui na cidade (Entrevistado 1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como na canção popular, a rádio comunitária em tempos de convergência midiática *renasceu qual aveloz*. Apesar de todas as intempéries motivadas pelos atos governamentais, proclamando a sua extinção; as restrições legais, que historicamente estão submetidas; além dos desafios tecnológicos que exigem que deem passos além das suas pernas, as emissoras comunitárias mostram capacidade de resiliência, adaptando-se às exigências contemporâneas de fazer rádio.

A Alternativa FM é um bom exemplo dessa capacidade de reinventar-se, seguindo os cânones tecnicamente estabelecidos pelas grandes emissoras comerciais, sem perder, entretanto, o foco naquilo que caracteriza as boas práticas de uma rádio verdadeiramente comunitária: o compromisso com a educação para a cidadania, a informação voltada aos interesses da comunidade local e a preocupação em ser ator do tempo contemporâneo, fazendo rádio em convergência com as mídias digitais.

REFERÊNCIAS

- ABRAÇO BRASIL. **Facebook Oficial**. Disponível em <https://www.facebook.com/abracobrasil/posts/1008801355987739?__tn__=K-R> Acesso em 25 de março de 2019 às 8h.
- BAHIA, L. M. Panorama atual das rádios comunitárias do Brasil. Trabalho apresentado ao **VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom** - 06 a 09 de setembro de 2006.
- BELTRAMIN, M. **Dom Eugênio Sales criou o Movimento de Educação de Base - MEB**. [s/data]. Disponível em: <<http://rcr.org.br/noticias/ver/dom-eugenio-sales-criou-o-movimento-de-educacao-de-base-meb>>. Acesso em: 27 out. 2015.
- BIGU, J. Entrevista especial para este artigo. Data: 18 de março de 2019
- BRASIL. Lei 9612/1998 - **Lei de Rádios Comunitárias**
- BRASIL é líder no uso de smartphones, mas título ainda não deve ser comemorado. **Estado de Minas**. Disponível em <https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2019/02/07/interna_tecnologia,1028679/brasil-lider-uso-de-smartphones-titulo-ainda-nao-deve-ser-comemorado.shtml> acesso em 27 de março de 2019 às 14h40
- FÓRUM EJA. **Movimento de Educação de Base**. [s/data]. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/book/export/html/1435>>. Acesso em: 8 fev. 2016.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- KALINKE, P.; ROCHA, A. Convergência e conexão são o que impulsiona a mídia agora: entrevista com Henry Jenkins para a Intercom. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 213-219, jan./abr. 2016.
- LUZ, D. **A arte de pensar e fazer rádios comunitárias**. Brasília, DF: [s.n.], 2007.
- _____. **Radiojornalismo nas rádios comunitárias: conceitos e práticas**. 2011. 314 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011..
- _____. **A saga das rádios comunitárias no Brasil**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/a%20saga%20das%20radios%20comunitarias.pdf/at_download/file> Acesso em 15 jul 2016
- MALERBA, J.P. **Rádios Comunitárias no Limite: Crise na Política e disputa pelo comum na Era da Convergência Midiática**. 2016. 726p. Tese apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2016.
- _____. **De rádios a redes comunitárias? Reflexões sobre os novos caminhos tecnopolíticos da Comunicação Comunitária**. Trabalho apresentado no 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018
- NÚCLEO Piratininga de Comunicação. 2008. **Entrevista – Dioclécio Luz**. Disponível em:

< <http://nucleopiratininga.org.br/eu-nao-acredito-que-exista-outra-lei-pior-do-que-a-nossa-lei-sobre-radios-comunitarias-diz-dioecleio-luz/>>. Acesso em: 1 abr. 2016.

PARANHOS, T. **O Desafio de informar**. Projeto Experimental de Radiojornalismo apresentado à Universidade Católica de Pernambuco em 2000.

_____. **RÁDIO COMUNITÁRIA, CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA E DESENVOLVIMENTO LOCAL: As Apropriações da Rádio Comunitária pelos Comunicadores da Rádio Alternativa FM, em Nazaré da Mata - PE**. Dissertação apresentada à Universidade Federal Rural de Pernambuco, em 2017

PARANHOS, T.; SALVADOR, V. **Panorama sonoro**. Projeto Experimental de Especialização apresentado à Escola Superior de Relações Públicas em 2011.

REDE BRASIL ATUAL. **Em último ato como ministro de Temer, Kassab cala rádios comunitárias pelo País**. Disponível em:
<<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/01/em-ultimo-ato-como-ministro-de-temer-kassab-cala-radios-comunitarias-pelo-pais>> Acesso em 25 mar 2019 às 07h35

TAUK SANTOS, M. S. et al. Redes de comunicação e desenvolvimento local da pesca na Ilha de Deus. In: CALLOU, A. B. F.; TAUK SANTOS, M. S.; GEHLEN, V. R. F. **Comunicação, gênero e cultura em comunidades pesqueiras contemporâneas**. Recife: FASA, 2009. p. 251-264.

TAUK SANTOS, M.S. ; PARANHOS, T. Rádio Comunitária e Desenvolvimento Local em situação de convergência de mídias. **Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul** – v. 16, n. 31, jan./jun. 2017, p. 135-155

TAUK SANTOS, M.S. Comunicação Participativa e Libertadora: a influência de Paulo Freire no pensamento comunicacional das décadas de 1970 e 1980. In MARQUES DE MELO, J. ; GOBBI, M.C. e KUNSCH, W. **Matrizes comunicacionais latino-americanas: marxismo e cristianismo**. São Bernardo do Campo (SP): Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2002, v.1, pp. 199-219.

_____. **Igreja e Pequeno Produtor Rural: a comunicação participativa do Programa CECAPAS / SERTA**. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo em 1994

TERRERO, J.M. Comunicação grupal libertadora. São Paulo: Paulinas, 1988 *apud* TAUK SANTOS, Maria Salett. **Igreja e Pequeno Produtor Rural: a comunicação participativa do Programa CECAPAS / SERTA**. Tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo em 1994

TUDO RÁDIO. **O Rádio**. Disponível em <<https://tudoradio.com/conteudo/ver/27-O-Radio>> Acesso em 29 Abr 2019 às 12h